



## TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DOCENTE

Antônia Conceição Pereira dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Estudos recentes revelam que aproximadamente uma em cada sessenta e oito crianças é identificada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com sua presença se tornando mais comum nas aulas de Educação Infantil. Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica em publicações e documentos sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA). Uma revisão de palavras-chave foi realizada em diferentes bancos de dados importantes. Os resultados indicam um fio comum em autores e em suas publicações em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), tais como alterações nas relações sociais, comunicação, linguagem e inflexibilidade mental e comportamental. Observou-se que o professor desempenha um papel fundamental na inclusão dos alunos com essas características, sendo necessário o desenvolvimento de programas de intervenção individualizada, onde a palavra interação deve ser o eixo no qual focar o trabalho em sala de aula.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Educação Infantil; Papel do Professor.

### RESUMEN

Estudios recientes revelan que aproximadamente uno de cada sesenta y ocho niños se identifica con Trastorno del Espectro Autista (TEA), y su presencia es cada vez más común en las clases de Educación Infantil. Este estudio tiene como objetivo realizar una revisión bibliográfica en publicaciones y documentos sobre el Trastorno del Espectro Autista (TEA). Se realizó una revisión de palabras clave en diferentes bases de datos importantes. Los resultados indican un hilo conductor en los autores y sus publicaciones en relación con el Trastorno del Espectro Autista (TEA), como los cambios en las relaciones sociales, la comunicación, el lenguaje y la inflexibilidad mental y conductual. Se observó que el docente juega un papel fundamental en la inclusión de estudiantes con estas características, y es necesario desarrollar programas de intervención individualizados, donde la palabra interacción debe ser el eje sobre el que enfocar el trabajo en el aula.

**Palabras clave:** Trastorno del Espectro Autista (TEA); Educación de la Primera Infancia; Papel del Profesor.

### ABSTRACT

Recent studies reveal that approximately one in sixty-eight children is identified with Autism Spectrum Disorder (ASD), with its presence becoming more common in Early Childhood Education classes. This study aims to conduct a bibliographic review in publications and documents on Autism Spectrum Disorder (ASD). A keyword review was conducted on different important databases. The results indicate a common thread in authors and their publications in relation to Autism Spectrum Disorder (ASD), such as changes in social relations, communication, language and

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia, Pós-graduada em Educação Infantil e séries iniciais; Pós-graduada em Educação de pessoas jovens e adultas.  
E-mail: antoniaperson@gmail.com



mental and behavioral inflexibility. It was observed that the teacher plays a fundamental role in the inclusion of students with these characteristics, and it is necessary to develop individualized intervention programs, where the word interaction should be the axis on which to focus work in the classroom.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder (ASD); Early Childhood Education; Role of the Professor.

## INTRODUÇÃO

Há algum tempo, muitos pesquisadores tentam definir exatamente o conceito de autismo. A partir dos estudos de Bleuler (1911) e Kanner (1943) uma nova síndrome aparece caracterizada pela incapacidade de se relacionar com as pessoas ou situações dos sujeitos estudados. Anos depois, novos conceitos sobre a palavra autismo relacionados ao campo das psicoses infantis aparecem, como a psicopatia autista (ASPERGER'S, 1944).

Rivière (2001) usa o conceito de espectro autista para refletir sobre os diferentes graus do autismo. Para isso, baseia-se em duas ideias: o autismo é definido pelo comportamento, não apenas sintomas; e os sintomas do autismo são acompanhados de atrasos e alterações de desenvolvimento que não são imagens de autismo.

Atualmente, o autismo ainda é definido como um transtorno qualitativo da relação, que apresenta alterações de comunicação e linguagem, falta de flexibilidade mental e comportamental (ROBISON, 2008).

Os primeiros sintomas do autismo se manifestam antes dos três anos de idade, entre o primeiro e o segundo anos especificamente (ASPERGER'S, 1944). Essa sintomatologia é declarada com aversão ao contato físico e manifestações afetivas, indiferença, evitar o contato com o olhar, sorrir pouco, não reagir quando chamado e pode passar horas manipulando um objeto.

Seu diagnóstico ocorre por meio da observação clínica, em centros médico-psicológicos ou em atendimento hospitalar especializado, realizado por equipe multidisciplinar (ASPERGER'S, 1944). No exame clínico, observa-se o comportamento da criança em determinadas situações e seu nível de desenvolvimento é avaliado por escalas comportamentais e testes de pontuação; e o diagnóstico é posteriormente estabelecido de acordo com critérios estabelecidos (ROBISON, 2008).



O autismo se enquadra na categoria de transtornos do desenvolvimento generalizado. As teorias etiológicas sobre o tema mudaram radicalmente nas últimas décadas, descartando aquelas que relacionavam esse transtorno à educação anômala da criança e sua relação com os pais e posicionando-se em etiologias distributivas, relacionando fatores genéticos e ambientais que interagem continuamente com a atividade neuronal em si e a resposta a estímulos ambientais; em que consideram que o autismo não é autismo uma doença, mas sua causa é de origem neurológica e que pode ser genética (DICKLER, 2013).

O tratamento e/ou medicação de crianças autistas é uma questão complexa e controversa. Atualmente, está sendo utilizado um tratamento psicológico e individualizado, que inclui programas de formação em comportamentos verbais e sociais e farmacológicos, embora haja autores relutantes porque esse tipo de tratamento atenua os sintomas de insônia, autoagressão, problemas comportamentais, irritabilidade, hiperatividade, desatenção, impulsividade, ansiedade ou depressão, entre outros (ROBISON, 2008).

No caminho de uma criança autista para seguir uma escolaridade normal, Rivière (2001) concluiu que sistemas e modelos homogêneos do processo ensino-aprendizagem não são capazes de atender às necessidades específicas de cada criança autista. Além disso, deve ser a avaliação específica e concreta de cada caso que indique as soluções educacionais adequadas.

Neste estudo, portanto, evidenciaremos o Transtorno do Espectro Autista – TEA sob a perspectiva educacional como objetivo esclarecer o que é o transtorno e, registrar características comportamentais mais recorrentes e os indicadores clínicos mais frequentes já observados no âmbito da Educação Infantil.

Neste sentido, alguns fatos leva-nos a curiosidade em buscar conhecimentos, novas aprendizagens, e no sentido de ter instrumentos necessários ao efetivo trabalho com os mesmos. Por isso, no momento de uma avaliação, é necessária a compreensão e a busca de ajuda através de especialistas e, como psicopedagogos para que se obtenham resultados positivos no trabalho com estudantes com TEA (BARKLEY, 2008, p. 123).

Sendo assim, apresentamos alguns aspectos relevantes sobre a Transtorno do Espectro Autista - TEA na vida da criança matriculada na Educação Infantil para que possam ser pistas para um diagnóstico precoce. Inicialmente, serão apresentadas algumas considerações sobre a definição do Transtorno do



Espectro Autista – TEA e o atendimento no AEE, acerca do trabalho de profissionais e os investimentos que têm sido feitos de acordo com as salas de recursos e os resultados que têm sido obtidos de acordo com alguns registros já existentes.

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Torna-se relevante conceituar o Transtorno do Espectro Autista – TEA, já que pode ser considerado, para algumas pessoas, o motivo de certos comportamentos diferenciados e a razão de algumas limitações sociais. Assim, o Transtorno do Espectro Autista – TEA é uma condição neurológica do espectro autista caracterizada por dificuldades significativas na interação social e comunicação não verbal, além de padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos (ROBISON, 2008).

Muitas pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA tentam relacionar-se e apreciam o contacto humano, no entanto apresentam dificuldade na compreensão da comunicação não verbal, por exemplo, e na decodificação de expressões faciais (FERNANDES; NOHAMA, 2020).

Sobre isso, Barbosa (2022) afirma que:

O autismo é considerado um transtorno global do desenvolvimento que tem como características mais marcantes a dificuldade na comunicação oral, alterações qualitativas das interações sociais, comportamentos repetitivos e muitas vezes estereotipados, além de muitas vezes um estreitamento nos interesses e nas atividades da vida em geral do indivíduo. Compromete principalmente três áreas do desenvolvimento (linguagem, comunicação e imaginação; interações sociais e comportamento) (BARBOSA, 2022, p. 61).

Acerca da comunicação, os estudantes com Transtorno do Espectro Autista – TEA podem falar de forma fluente, mas, normalmente, não prestam plena atenção se, de fato, as outras pessoas os estão a ouvir. Na realidade, são capazes de falar, independentemente, se a outra pessoa está interessada.

Embora, por vezes, possuam boa capacidade linguística, apresentam dificuldades, porque são literais, ou seja, não conseguem perceber algumas piadas ou frases metafóricas. Aprendem geralmente, muito bem, mas apresentam dificuldade em pensar de forma abstrata, o que pode causar problemas de



aprendizagem na escola, nomeadamente, em setores voltados para conhecimentos sobre literatura e religião (FERNANDES; NOHAMA, 2020).

Normalmente, desenvolvem interesses específicos num tipo de coleção ou *hobby*, às vezes, de forma obsessiva. Isso costuma envolver arranjar ou memorizar fatos acerca de determinados objetos. Muitas vezes, quando crianças com Asperger brincam com outras, acham muito difícil lidar com brinquedos a serem colocados em situações diversas das que estão acostumados (ROBISON, 2008).

Diante disso, fugir da rotina pode ser algo altamente irritante para indivíduo com Transtorno do Espectro Autista – TEA, pois crianças pequenas insistem em fazer o mesmo caminho para a escola, por exemplo. Na escola, podem se aborrecer com mudanças súbitas ou como mudança de atividades. Adultos com Transtorno do Espectro Autista – TEA organizam o seu dia de acordo com padrões e, quando o dia não corre como planejado, ficam ansiosos ou irritados. Por exemplo, se ficarem presos no trânsito e não chegarem a determinado local à hora definida. Ainda, é comum a baixa capacidade de concentração e facilidade em distrair-se é muito recorrente (FERNANDES; NOHAMA, 2020).

## **ATENDIMENTO DE ESTUDANTES COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Embora todas as crianças tenham direito à educação, muitas vezes, apenas ir à escola pode ser um grande desafio para quem tem Transtorno do Espectro Autista – TEA. Para começar, crianças com espectro autista geralmente têm disfunção sensorial, então coisas como luzes brilhantes, crianças gritando ou o som da campainha podem ser estímulos esmagadores que desencadeiam ansiedade extrema ou comportamentos autistas como agressão ou se machucar. Além disso, os alunos da Educação Infantil podem ter dificuldade em alternar entre atividades ou tópicos, o que complica sua capacidade de planejar e executar diferentes tarefas, estudar para exames, entre outras coisas.

No caso da leitura e expressão verbal, as crianças no espectro são desfavorecidas, pois cada ano letivo deve aumentar sua compreensão e agilidade para falar, escrever e ler. A expressão verbal e a compreensão são grandes desafios para eles, ainda mais quando a linguagem figurativa ou expressiva está



presente. Sua situação é ainda mais vulnerável quando apresentam testes padronizados que buscam uma certa velocidade e nível de aprendizado.

Por esse motivo, a escola precisa ter espaços e momentos de apoio para esses estudantes que contam com particularidades e condições específicas. Barbosa (2022) afirma que pessoas autistas podem ter problemas com suas habilidades motoras finas e brutas. Os primeiros referem-se à capacidade de fazer movimentos usando os pulsos e as mãos, enquanto o segundo refere-se ao uso de grandes músculos dos braços, pernas e tronco.

A autora acrescenta que:

No que diz respeito à área das interações sociais apresentam-se: dificuldades em estabelecer relacionamentos com seus pares apropriados ao nível de desenvolvimento, ausência de reciprocidade social ou emocional e comprometimento acentuado no uso de múltiplos comportamentos não verbais (BARBOSA, 2022, p. 61).

A autora cita, inclusive, que crianças com TEA podem ter seis meses de atraso em habilidades motoras brutas em comparação com seus pares e um ano em habilidades motoras finas. Embora possam ser superados, acredita-se que existam devido aos seus desafios sensoriais e diferenças neurológicas. Isso complica sua capacidade de fazer atividades escolares básicas, como escrever, desenhar, pintar, chutar uma bola, correr, e assim por diante. Essas limitações afetam sua vida escolar todos os dias no cotidiano da Educação Infantil.

As classes especiais, durante o atendimento de alunos com autismo, atendem outros portadores de deficiência, sob regência de um professor preparado para utilizar métodos, técnicas e recursos didáticos, específicos, visando facilitar o processo aprendizagem e inserção dos alunos em classe regular de ensino.

Em paralelo às classes especiais que estão inseridas dentro das escolas de Educação Infantil, há, ainda, algumas poucas escolas especiais, que são constituídas e/ou adaptadas, exclusivamente, para atendimento em Educação Especial. Requer professor especializado e equipe técnica interdisciplinar com equipamento próprio à clientela a que se destina.

Importante citar, ainda, os centros de integração que se destinam à avaliação e acompanhamento do aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA ou com outras necessidades especiais. Há espaço, inclusive, para a capacitação





de professores e orientação aos pais, dispondo de serviços complementares favoráveis a escolarização desses alunos.

Sabemos que possuir Transtorno do Espectro Autista – TEA ou outras necessidades especiais pode ser uma condição, por vezes, incapacitante em alguns aspectos e até dolorosa, por conta de diversas limitações orgânicas e intrínsecas, mas também pelas limitações sociais que surgem concomitantemente (BARBOSA, 2022).

Sobre isso, a sociedade aprendeu a avaliar negativamente qualquer indivíduo que fuja dos padrões de normalizações aceitos pelo grupo, consequentemente, desencadeia uma série de preconceitos acerca dos portadores de qualquer tipo de necessidade especial.

Não se teve, neste estudo, a pretensão de aprofundar na abordagem sobre o papel da sociedade no desenvolvimento socioafetivo do estudante com Transtorno do Espectro Autista – TEA ou com outras necessidades especiais. O intuito foi apontar apenas algumas reações da sociedade de sua falta de esclarecimento sobre o assunto, já que há explícita a necessidade da escola em atuar de maneira mais esclarecedora nesta relação: sociedade x necessidades educativas especiais.

Segundo Glat (2009), a primeira reação é de abordar a maneira como o diferente ou normal *perturba* a estabilidade e previsibilidade das interações sociais. Na maioria das vezes, é esta situação que pode ser vista cada vez mais, pois estudantes com necessidades educativas especiais se encontra à margem da sociedade e, consequentemente, isto faz com que a maioria das pessoas não tenha oportunidade de interagir com pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Esta situação aumenta as representações preconceituosas e aparentes. De acordo com Coleman (1986, p. 226):

Consequentemente, qualquer atributo pode se tornar um estigma. Ninguém nunca sabe realmente quando ou se ele ou ela adquira um estigma ou quando as normas sócias podem mudar e estigmatizar um traço que ele ou ela possua. Negar essa verdade pela tentativa de isolar as pessoas estigmatizadas é uma manifestação desse medo subjacente (COLEMAN, 1986, p. 226).

A visão dos estudantes de Educação Infantil com necessidades educativas especiais acaba por causar certo desconforto, pois ele funciona como um espelho, no qual a sociedade vê refletida uma potencial ameaça a sua eficiência



potencial, pois o ser humano prioriza o fato de se sentir forte e sem limitações (BARBOSA, 2022).

Então, para que a sociedade não encare a sua própria imagem fragilizada, prefere não notar os estudantes com Transtorno do Espectro Autista – TEA ou com outras necessidades educativas especiais. Por isso, é tão difícil aceitar o dito diferente como um ser igual, porque aceitá-lo significaria aceitar a própria imperfeição da sociedade (GLAT, 1991).

Para alguém com Transtorno do Espectro Autista – TEA, portanto, rotina e estrutura são críticas, cabendo a necessidade de espaços para dar suporte a esses alunos. Estabelecer uma rotina faz com que prosperem e, embora a escola, por sua natureza, possa proporcionar essas rotinas e estruturas, é um ambiente no qual muitas mudanças também são experimentadas.

Além de um novo ano letivo com diferentes educadores e colegas, por exemplo, situações envolvendo professores substitutos, eventos especiais como olimpíadas esportivas, dias de teste padronizados, férias etc. são desafiadores para pessoas com esse transtorno. Além disso, às vezes eles têm que modificar sua rotina para assistir a sessões de terapia ou algum tipo de programa que os ajude a melhorar as mesmas experiências que sentem falta ao participar.

Outro desafio é que cada professor tem diferentes níveis de tolerância e empatia com as atitudes que as pessoas que têm Transtorno do Espectro Autista – TEA podem ter. Especialmente se eles exibem algum comportamento autoestimulante, como repetir palavras ou frases, mover dedos ou mãos, ou simplesmente se mover inesperadamente, pode ser entendido por alguns, mas detestado por outros professores (BARBOSA, 2022).

Além disso, se o professor de Educação Infantil espera que todos avancem em um ritmo semelhante, uma criança com autismo pode não atender a essas expectativas e ser deixada para trás.

## **PAPEL DO PROFESSOR: DIFICULDADES COM TRANSTORNO**

O Transtorno do Espectro Autista – TEA é um transtorno difícil de diagnosticar, pois seus sintomas podem se manifestar de forma muito diferente e não há idade específica para detectá-lo. Hoje, ainda não há tratamento específico que





cure o autismo. O tratamento de cada criança tem que ser individualizado, estruturado e adaptado às necessidades e ao seu ambiente.

O mesmo se aplica aos programas de intervenção na Educação Infantil, uma vez que não há um único programa específico que seja eficaz. Cada criança é diferente, e cada programa deve ser adaptado às necessidades de cada criança e suas famílias. Ao decidir sobre a solução educacional certa para cada criança com TEA, existem critérios de escolaridade que orientam os docentes a escolher adequadamente o melhor centro para a criança. Este pode ser um centro normal, uma sala de aula especial em uma escola comum de Educação Infantil, um centro especial, mas não específico para o autismo ou um centro específico.

Para que a inclusão seja bem-sucedida, o professor desempenha um papel fundamental em sua integração em contexto de Educação Infantil. Isso tem em suas mãos a possibilidade de favorecer a comunicação da linguagem em crianças, por meio de programas e métodos específicos; a possibilidade de crianças autistas interagirem com seus pares e promoverem relações sociais, por meio de jogos e histórias sociais; a possibilidade de motrizá-las, ensiná-las habilidades sociais e introduzi-las ao uso de novas tecnologias, favorecendo múltiplas habilidades; a possibilidade de dar-lhes confiança e segurança através da rotina e planejamento prévio das atividades, entre muitas outras.

No que diz respeito às habilidades motoras, a atividade física diminui comportamentos problemáticos e é benéfica para a saúde. O brincar é uma ferramenta fundamental para a interação das crianças autistas com seus pares, bem como um meio essencial de aprender sobre o ambiente físico e social.

O professor de motricidade ou educação física ainda na Educação Infantil também desempenha um papel muito importante na inclusão e integração da criança autista, pois tem que promover um clima de segurança e confiança na sala de aula psicomotora, apoiado por atividades que favoreçam a socialização de todos os alunos.

Nesse sentido, os educadores mencionam ter pouca formação e conhecimento para tratar esse tipo de aluno para que busquem apoio dentro e fora de suas instituições ou muitas vezes aprendam com suas próprias experiências, ao longo de suas próprias experiências, ao longo deles designam a aprendizagem por tentativa e cada professor conta a experiência, a incerteza que a impaciência



e a ansiedade adquirem dia após dia, associada ao discernimento da ignorância sobre o TEA.

Observando e analisando o comportamento, vê-se a necessidade de motivar as autoridades, professores, alunos, pais a enfrentar e acolher corretamente a realidade que estamos mantendo no campo da formação, investigando o que foi afirmado pelo Ministério da Educação em termos de inclusão educacional. A tendência global e regional em relação e a expansão do episódio e prevalência de casos de TEA, mostra a realidade nacional brasileira.

A maioria dos casos pode ser categorizada com outros diagnósticos de saúde mental ou pior ainda que não podem ser visualizados no início do transtorno, a imprecisão da descoberta desde cedo devido à ignorância dos professores, a instabilidade do procedimento farmacológico, a diversidade da administração psicoterapêutica, o pouco acompanhamento e a deserção de uma avaliação funcional.

É consenso a pouca formação e a falta de interesse com as crianças que apresentam TEA, havendo a necessidade de encontrar alguma solução para a realidade que se vive na atualidade, é tão necessário motivar os professores a se prepararem e se sentirem competentes em qualquer situação dentro do campo educacional, uma vez que o desempenho do professor, bem como a implementação de uma série de ações e estratégias serão o objetivo de alcançar metas estabelecidas com esses alunos.

Muito mais complexo saber que até agora não há tratamento para o autismo, o que preocupa os professores e causar desespero por não saber como tratar, muito menos como chegar ao processo ensino-aprendizagem, já que eles têm características diferentes de seus pares e é quase impossível integrar-se ao ambiente educacional; porque é difícil alcançar seu mundo interno e externo e assim poder dar e receber afeto sendo muito paciente e criando rotinas diárias; uma vez que uma criança com TEA representa um desafio na instituição e dentro da sociedade, sem esquecer que são pessoas que podem aprender habilidades que lhes permitem ter uma vida plena e feliz com desafios e desafios em viver juntos diariamente.

É necessário promover e integrar as crianças com TEA dentro e fora da sala de aula, motivando os professores com melhores informações, a fim de utilizar melhores estratégias de ensino-aprendizagem e uma melhor abordagem



para uma criança com autismo; conhecer suas necessidades, trabalhar em conjunto com o triângulo educacional para descobrir a aprendizagem e seu comportamento, estabelecer rotinas diárias que levem a uma maior possibilidade de sucesso, criando um ambiente estruturado; manipulando estratégias de acordo com essas crianças usando estímulos visuais para motivar o ensino, que ajudam a melhorar sua concentração e adaptação ao grupo evitando preconceitos que se tornam estímulos negativos e irritantes, como ruído excessivo.

Para emergir, é preciso criar um ambiente onde os professores se sintam interessados em pesquisar, formação em TEA só então eles podem se sentir capazes de trabalhar com crianças autistas, tratando uma perspectiva melhor, incluindo todo o grupo dentro e fora da sala de aula, doando e recebendo afeto para fazer parte do mundo de uma criança autista, através da formação e motivação na área pedagógica e afetiva, ao triângulo educacional por meio de oficinas, palestras, recomendações na gestão de estratégias que permitam o desenvolvimento das potencialidades das crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto à motivação e à formação de professores em relação ao TEA e a importância do trabalho colaborativo, os professores desconhecem em grande parte técnicas e estratégias para trabalhar com crianças com TEA durante o ensino, falta de implementação de programas que contribuam para aprimorar seus conhecimentos relacionados ao TEA.

Estabelecer um desenvolvimento adequado e compatível com as potencialidades e capacidades de cada indivíduo relacionado à sua idade ajudará a reduzir a ansiedade e a frustração da criança que pode estar lidando com a fadiga ou a insegurança, portanto o professor deve usar estratégias de compensação, motivadores e exercícios de estereótipo; que ajudarão a fortalecer sua autoestima.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASPERGER, H. *Die'autistischen psychopathen'im kindersalter*. Arch Psychiatr Nervenkrankheiten, 1, p. 76-136, 1944.



BARBOSA, R. T. R. M. Criança com autismo: um sujeito dotado de direitos. **Revista Científica FESA**, [S. l.], v. 1, n. 10, p. 60–74, 2022. DOI: 10.29327/235797.1.10-5. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/106>. Acesso em: 23 maio. 2022.

BARKLEY, Russell A. & colaboradores. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento**. 3ª Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

BLEULER, E. **Demencia precoz**. El grupo de las esquizofrenias. Buenos Aires: Hormé, 1960.

DICKER, S. Entering the Spectrum The Challenge of Early Intervention Law for Children With Autism Spectrum Disorders. **Infants & Young Children**, 26(3), p. 192-203, 2013.

FERNANDES, Maicris; NOHAMA, Percy. Jogos Digitais para Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA): Uma Revisão Sistemática. **Rev. iberoam. tecnol. educ. educ. tecnol.**, La Plata , n. 26, p. 72-80, sept. 2020 .

GLAT, R., Pletsch, M. D., & Fontes, R. de S. Panorama da Educação Inclusiva no Município do Rio de Janeiro. **Educação & Realidade**, 34(1), 2009, p.123-136

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, 2, p. 217-250, 1943.

RIVIÈRE, A. **Autismo**. Madrid: Trotta, 2001.

ROBISON, John Elder. **Olhe nos meus olhos:Minha vida com síndrome de Asperger**. Brasileira. Ed, São Paulo: Copyright, 2008. 255p. v.1.